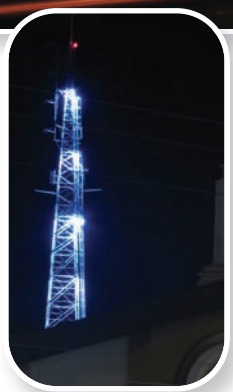
Itabuna brilha de azul
no Dia Mundial do Diabetes



Mais de dez mil atendimentos de orientação, prevenção, exames de fundo de olho, exames de pé diabético, avaliação renal e procedimentos com laser, além do encaminhamento dos casos mais graves para atendimento imediato. Foi este o resultado do Mutirão Diabético promovido em Itabuna (BA) pelo Hospital de Olhos Beira Rio e Associação dos Diabéticos de Itabuna (Asdita) em 13 de novembro, como parte do Dia Mundial do Diabetes, campanha de caráter mundial da International Diabetes Federation, que compreendeu atividades realizadas em 181 países.

A iniciativa de Itabuna, possivelmente a maior do Brasil que tem como referência a data, contou com o apoio do Governo do Estado da Bahia através da Secretaria Estadual de Saúde, Prefeitura Municipal de Itabuna, TV Cabrália/Record News, Lions Clube, Universidade Estadual Santa Cruz (UESC), Santa Casa de Misericórdia de Itabuna, Conselho Brasileiro de Oftalmologia Sociedade Brasileira de Angiologia e Cirurgia Vascular, Bahiagás e outras empresas e instituições. Seu iniciador e coordenador é o médico oftalmologista Rafael Ernane Almeida Andrade. Contou também com a participação de mais de 600 voluntários de vários estratos profissionais e mobilizou a comunidade da cidade e da região sul da Bahia.

Na Feira de Saúde, realizada na Praça Rio Cachoeira, foram prestados realizados exames de glicemia, avaliação de saúde, higiene bucal, vacinação, avaliação cardiovascular e de pressão arterial, alimentação saudável, saúde e lazer, serviço social, cirurgia bariátrica e assessoria jurídica aos portadores de diabetes e familiares.

Por volta do meio-dia, foram lançadas aos céus da cidade cerca de 1500 bolas azuis, a cor da campanha. Durante a semana que antecedeu o Mutirão do Diabético, o azul iluminou espaços públicos e prédios de Itabuna como o Hospital de Olhos Beira Rio, torre da TV Cabrália Record News, Catedral São Jose, Igreja Maria Gorete, Faculdade de Tecnologia e Ciências de Itabuna (FTC), Praça José Bastos, Torre do Hipermercado Itão, Ponte do São Caetano, CIAM, LAP Laboratórios, Clínica Metabólica, obelisco do Lions, Rotary Clube, UNIMED. As imagens foram mostradas em todo o mundo, através do site da Organização Internacional do Diabetes, dando à cidade uma dimensão mundial.

"O sábado, 13 de novembro de 2010 ficará marcado como o dia em que Itabuna deu exemplo ao Brasil de que, através do voluntariado e da união de diversos segmentos da sociedade civil organizada, é possível transformar uma cidade em referência na área de saúde, num segmento que afeta diretamente qualidade de vida das pessoas", afirmou Rafael Andrade.

O médico oftalmologista Rafael Ernane Almeida Andrade é o coordenador do Mutirão Diabético de Itabuna, iniciativa que vem crescendo a cada ano, está servindo de exemplo para realizações semelhantes em outras cidades e chamando a atenção internacional. Nesta entrevista, conta um pouco das origens e do desenvolvimento do mutirão do qual, com justiça, tem grande orgulho.

Rafael de Andrade, como prefere ser chamado, formou-se em Medicina em 1997, pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), onde também fez a especialização em Oftalmologia. Depois ficou seis anos na UNIFESP fazendo doutorado e especializando-se em retina. Voltou à Bahia e incorporou-se ao Hospital de Olhos Beira Rio, em Itabuna, onde foi responsável pela implantação e manutenção de centro avançado de retina.

A cidade, localizada no sul do Estado, de aproximadamente 200 mil habitantes, é importante centro econômico e social e o estabelecimento é referência médico-oftalmológica para uma região que reúne mais de três milhões de pessoas.

JOTA ZERO - Trace um breve histórico do Mutirão Diabético de Itabuna.

RAFAEL ANDRADE - Trouxe a idéia da UNIFESP, onde se faz o mutirão do olho diabético desde 1998, projeto criado e coordenado por Paulo Henrique Morales que já foi citado em vários países. Quando voltei a Itabuna vi que tinha todas as condições para transplantar a experiência: um hospital de referência e o conhecimento de atendimento em regime de mutirão. Treinei toda a equipe do hospital, cerca de 60 profissionais, convidei alguns amigos retinólogos da UNIFESP e montamos o primeiro Mutirão do Olho Diabético em 2004. Foi um sucesso. Atendemos cerca de 400 pacientes. No ano seguinte repetimos a experiência, sempre na semana do Dia Mundial do Diabetes, 14 de novembro e atendemos entre 600 e 700 pacientes. Em 2006, convidamos angiologistas para examinar o pé diabético, já que o diabetes não só a maior causa da cegueira, como também é a maior causa de amputação de membros. Fizemos um projeto conjunto e desenvolvemos um modelo de exame do pé diabético. Todo paciente que vai examinar o olho, também examina o pé. Foi uma loucura e examinamos mais de mil pessoas. Em 2007, inovamos mais uma vez e chamamos o pessoal da Nefrologia, já que o diabetes é a maior causa de hemodiálise do mundo e geralmente acontece no paciente que tem retinopatia grave. Foram mais de 1.500 pacientes num dia, com exames oculares, do pé, encaminhando os que necessitavam para procedimentos com laser para tratar doenças da retina e para realização de exames bioquímicos para verificar a função renal e hipertensão. Nesta hora houve uma mudança radical na nossa forma de agir.

JZ- Que mudança?

RAFAEL- Sempre contamos com o apoio da Associação de Diabéticos de Itabuna e sempre foi um relacionamento muito rico em debates e aprendizado. Nesses primeiros sentíamos muita angústia, pois conseguíamos dar um pouco de acesso à especialidades médicas a pacientes que nunca ou raramente tiveram acesso a elas, mas ao examinarmos o paciente sabíamos que ia para casa e no ano seguinte iria voltar com a doença mais avançada e em piores condições. Foi o pulo do gato. Percebemos que fazíamos a parte mais difícil, mas não educávamos. Criamos então, junto com a Associação dos Diabéticos de Itabuna, uma grande feira, com mais de 15 serviços diferentes, desde medida de glicemia, com orientações de endocrinologis-tas, com orientação nutricional, até orientação jurídica, já que existem leis específicas para diabetes. Começamos a trabalhar não só o diabético, mas também sua família, a sociedade. Passamos a fazer avaliação antropométrica, a dar orientação sobre pé diabético e diversas outras coisas, como alimentação, uso de insulina e começamos a trabalhar toda esta parte de educação. Transformamos a iniciativa em ato institucional. Observávamos que as pessoas tinham vergonha de admitir que eram diabéticas e ficavam automarginalizadas. É uma doença tão presente e tão assintomática que se muitas vezes engana. Então começamos a criar na cidade a campanha para as pessoas vestirem a camisa do diabetes. Existe a marca do combate ao diabetes, que é internacional, que é o círculo azul. O mundo inteiro veste esta camisa, descobri isto e fiz a cidade vestir esta camisa. Também nos associamos à entidades nacionais e internacionais de combate ao diabetes e passamos a participar da campanha internacional da luz azul, símbolo do combate ao diabetes. Passamos a iluminar prédios importantes da cidade com a luz azul e Itabuna tornou-se a cidade mais iluminada de azul do norte-nordeste. Em 2010 conseguimos congregar mais de dez mil pessoas e exportamos nosso modelo de realização de eventos para outras localidades, tanto que quinze dias depois haverá um evento semelhante em Arapiraca, em Alagoas.

JZ- O que é feito no Mutirão de Itabuna em termos de assistência oftalmológica?

RAFAEL- Basicamente o exame de fundo do olho. Mas insisto, temos que separar e valorizar de forma igual as duas partes: a médica e a educacional, de motivação e de mobilização. A parte médica é para o paciente diabético, sabidamente diabético, que não precisa levar nada, nenhum documento ou comprovação. Este paciente é examinado. Dilatamos a pupila e uma equipe de retinólogos, treinados em campanhas, realiza o exame de fundo de olho. Os casos graves são mandados para realizar o procedimento laser, sem custo nenhum para ele. Quando começamos o mutirão, para cerca de 63% dos pacientes aquele era o primeiro exame da vida, muitas vezes com doze anos de histórico da doença. Hoje, este número está em cerca de 43%. Temos também um trabalho forte para detecção de novos casos de diabetes, com a realização de milhares de exames de glicemia. Outro ponto que precisa ser ressaltado é o trabalho institucional junto aos órgãos governamentais para facilitar o mutirão de todas as formas possíveis e para transportar os pacientes e familiares que moram em locais distantes. Durante o dia temos atividades lúdicas, sociais, culturais, com a participação de centenas de voluntários, da polícia, do exército, dos filiados aos clubes de serviço e entidades comunitárias. Temos também que notar que o mutirão nos permitiu reunir um banco de dados importantíssimo para a determinação e consolidação de políticas de combate e controle do diabetes no nordeste do País. E posso dizer que, no que depender de nós, a coisa está apenas começando...